

dos filhos, haviam desistido da *aliá*. Enfim, *filhos sim, mas não já*. Que os novos homens e mulheres nascessem na Velha Nova Pátria.

Havia uma grande dose de ingenuidade dentro do princípio de que o casamento não é importante... funcionou enquanto estávamos aqui no Brasil e éramos um grupo amplo, mas quando o garin chegou ao kibutz e viu que, de fato, cada casal vive na sua casa e a vida começa a ser familiar, igualzinho como na vida burguesa (não foi uma decepção para nós, mas uma realidade a ser enfrentada), certas considerações começaram a pesar... Para mim, aquele modo de vida - só trabalhar e conviver com amigos - passou a não satisfazer mais. Vi que o kibutz não é exatamente dançar e cantar todas as noites. (...) no kibutz, um rapaz ou uma moça sente-se só à noite. Uma vida em grupo, para os jovens, pode ser que seja capaz de absorver as 24 horas do dia, mas, depois de um certo momento, com o decorrer dos anos, a vida em grupo não consegue preencher mais essas 24 horas. Essa reflexão fez com que várias pessoas comessem a se voltar para si mesmas e pensar em sua vida pessoal também, e o casamento faz parte dessa vida. Como o meu, houve vários casos desse tipo em que a pessoa acabava saindo do kibutz, rompendo com o grupo, para se casar... [6]

### 3.7. Indivíduo e coletivo

Não deve haver conflito entre realização pessoal e interesse coletivo; é possível aliar interesses pessoais aos do grupo social ao se abraçar o ideal pioneiro; estes eram pontos fundamentais na ideologia drorista. Como seria então a convivência dos indivíduos com o coletivo no Movimento juvenil?

Alguns *chaverim* escreveram sobre como compatibilizar interesses individuais com os do grupo. Um deles apelava para o “raciocínio” afirmando a necessidade da união entre indivíduo e coletivo para a realização da idéia chaltziana, *uma luta que se faz em conjunto com todas as forças que surgem no seio da classe operária e que forma o exército mundial da Revolução*; assim, conclui-se, o coletivo não são só os companheiros do Movimento, são os trabalhadores do mundo - como duvidar de tal potência? Como não acompanhar tanta gente?<sup>101</sup>. Um outro apresentava uma “solução prática”: a discussão sincera, com boa vontade de lado a lado, é capaz de resolver situações em que *nossos receios nos impedem de aceitarmos a solução do coletivo com coragem e coerência ou que o coletivo está sendo leviano ou muito radical*<sup>102</sup>. Uma terceira via explicava o (*falso*) conflito entre indivíduo e Movimento pelas dificuldades pessoais em romper com as heranças do meio social de origem, passíveis de superação através de força de vontade e disposição pessoal; manter-se no Movimento torna-se uma questão de caráter, os que se afastam são tidos como fracos, medíocres, acomodados. Deste ponto de vista, as crises de certos militantes surgem porque eles são *socialistas intelectuais*, sujeitos não convictos de fato que, diante de qualquer obstáculo, se desiludem e abandonam a idéia, incapazes de agir<sup>103</sup>. E havia ainda a “solução” do adiamento de satisfações pessoais até o tempo do kibutz, quando, então, o sujeito poderia, após contribuir com sua cota para o bem comum, ter condições de tratar de interesses e atividades que lhe proporcionam maior prazer. Idéias como essas todas mediaram, com freqüência, as relações entre o *chaver* e o coletivo. Em muitos casos, entretanto, a ideologia não foi suficiente para proporcionar uma convivência harmônica entre as partes.

*Chaverim* mais convictos ou integrados foram capazes de empreender esforços e, por vezes, sacrifícios pessoais em função das idéias do Movimento encampadas também como suas.

Acho que, na época, eu era muito radical e convicto e que outros não o eram tanto assim. A turma que cuidava mais da parte educacional, por exemplo, se preocupava mais com os problemas dos indivíduos. Para mim, o indivíduo era uma preocupação pequeno burguesa, era como se preocupar com a própria barriguinha sem prestar atenção aos problemas do mundo. [13]

Eu acreditava piamente nos valores do Movimento, (e hoje eu vejo que muita gente não acreditava tanto...) eu evitava ao máximo a transgressão (havia meninas que botavam batom, teve gente que foi flagrada dançando no carnaval... isso era transgressão.). O Movimento se mostrava como uma possibilidade de realização individual através do coletivo: ir para Israel e viver no kibutz fazia o indivíduo se realizar individual e socialmente (...) eu era totalmente integrado no sentido do coletivismo, eu anulava tranqüilamente a minha personalidade, coisas de que eu gostava, etc. e tal, em função do Movimento e achava que militância era isso. Eu sequer pensava estar perdendo alguma coisa, achava que é esse o papel de alguém que está numa atividade de militância, e era isso o que eu me propunha, portanto eu não sentia que estava sendo invadido em minha individualidade (a não ser quando eu fui para Belo Horizonte e comecei a levantar os questionamentos que me levaram a sair do Movimento. Até então, eu era um militante sério, empenhado, aguerrido e que acreditava mesmo naqueles valores.) (...) A militância é uma prática política determinada por um conjunto de pessoas do qual você faz ou não parte... essas coisas determinadas nunca vão ser o seu pensamento, na melhor das hipóteses, elas vão sofrer a influência de uma série de outras pessoas também; é como ir ao cinema em turma: você não vai necessariamente assistir o filme que você quer e ir depois à pizzaria que você tem vontade, a não ser que você seja muito autoritário, do contrário, você vai acabar assistindo um filme que você não queria muito, mas acabou aceitando, e comendo um sushi em lugar de pizza; funciona assim, ou você topa sair em turma ou não. A militância é isso, é da militância ser assim. E isso para mim era uma coisa muito clara, eu cumpria airosoamente minhas obrigações (do tipo, sexta-feira à noite, levar não sei que menina que morava na Casa Verde, então eu pegava o ônibus e ia levar essa chaverá até a porta da casa dela e depois tomava o ônibus de volta e ia para onde eu tinha que dormir - isso não era um favor pessoal, era um a obrigação de militância). Coisas assim você não questiona, se você começa a questionar muito você não age. Quando fui shliach, o Movimento mal me dava dinheiro para eu poder pagar a pensão e fazer as refeições, eu vivia numa puta duma dureza, e era assim que funcionava, o Movimento era isso, a militância era isso... [27]

O indivíduo era parte de um grupo, e o grupo iria fazer aliá e ser parte de uma coletividade ainda maior. A palavra coletividade era o ápice. O indivíduo era uma parte da coletividade. O indivíduo não era o principal. [22]

No limite, a *chevra*<sup>104</sup>, o grupo e sua manutenção (a vida em comunidade), ganhava prioridade sobre as questões particulares; em caso de conflito, esperava-se que o sujeito abrisse mão de seus interesses em favor dos considerados os do grupo. Uma vez que decisões formais eram tomadas com a aprovação da maioria, o indivíduo tinha como dever acatá-las. Cada um tornava-se responsável pelo bem estar dos outros.

No balanço atual que fazem de sua participação no Movimento, muitas pessoas reconhecem a importância da preocupação social aprendida e cultivada no Dror, tendo ou não seguido exatamente os caminhos propostos por ele.<sup>105</sup>

[O Dror] nos deu uma concepção de vida mais ampla, a idéia de uma missão no mundo que não se restringe a seu umbigo. / Em alguns aspectos básicos da vida, continuo drorista. (...) Apartei-me do Movimento para continuar lutando pelo socialismo no Brasil. Mas meu destino também foi traçado em boa medida pelos quatro anos em que vivi no Dror. [Paulo Singer. depoimento e trecho de "Lembranças de um velho drorista". *Na'amat Brasil*. maio 1998.]

O Movimento me deu uma vivência que eu não tive em lugar nenhum e ao mesmo tempo ele me deu uma concepção de vida e uma escala de valores que eu preservo até hoje: o valor da

igualdade e da responsabilidade social de cada um. (...) eu fiz muita medicina de graça, fiz o que eu pude... mantenho os princípios do Dror de respeito à pessoa humana. [7]

A preocupação política e o sentimento de solidariedade adquiridos inicialmente no Dror foram a principais influências que afetaram a minha vida a partir daquela época. Esteve em tudo o que eu fiz... no meu trabalho de jornalista, nas posições que tomei... [18]

A idéia e o sentimento da responsabilidade coletiva foi uma coisa muito importante do Movimento para mim. Sem dúvida, um bando de jovens - cada um com suas intenções pessoais, procurando resolver seus problemas íntimos (...) - de qualquer forma eram pessoas todas extremamente generosas, porque se propunham a resolver o problema de um povo. Claro que, nessa história toda, havia muita arrogância, muita ingenuidade, mas havia uma generosidade muito grande (minha admiração por isso continua) e essa generosidade, para quem foi sensível, tocou. Algumas pessoas, eu acho, ficaram com a exterioridade do Movimento e outras com as coisas mais profundas, mais sensíveis. E, para mim, a mais importante destas é essa noção de coletivo, de que você tem que lutar pelo conjunto de alguma forma, e, se você dispõe de instrumentos que os outros não dispõem, você tem que ser a voz dos que não têm voz. Isso foi a coisa mais importante que sobrou do Movimento para mim e mexe comigo até hoje. (o Movimento me ajudou a ter uma visão menos egocêntrica, uma percepção de conjunto, de fazer parte de um coletivo.) Quando eu sento para escrever um artigo hoje, por exemplo, eu não estou dizendo simplesmente "eu penso isso", eu quero ver se eu consigo ser a voz de um monte de gente, ajudar as pessoas. Eu gostei de ser professor durante muito tempo, porque ser professor também é isso, sentar junto com as pessoas, ensinar, fazer com que elas cresçam. Eu acho que o Movimento organizou a minha generosidade. [27]

Muitos, no entanto, mesmo concordando com os princípios ideológicos do Movimento, na época, viveram dramaticamente o conflito entre os compromissos assumidos com o coletivo e questões mais pessoais tais como responsabilidades familiares (cuidar de parentes doentes, por exemplo), apelo da vocação profissional, amor por alguém que não podia acompanhá-los à Israel ou dificuldades psicológicas diante da idéia de emigrar (frequente e poderosa entre os já que haviam perdido o contato com suas raízes uma vez). Nesses casos, os rompimentos com o grupo, quando ocorreram, foram dos mais difíceis e a "reintegração" ao Brasil e à vida cotidiana que tanto o Dror criticava foi, em geral, um processo lento e doloroso agravado, muitas vezes, pela perda dos amigos e a pecha de fraco ou traidor. Alguns até se convenceram de que a *hagshamá* havia sido apenas postergada, entretanto, o tempo, os novos compromissos e reflexões posteriores enterraram de vez tal plano de vida.

Há momentos em que o coletivo realmente tem que prevalecer, porque não tem outra saída também, e o individual tem que entrar em plano secundário. E há momentos em que o individual deve prevalecer sobre o coletivo. Então, é preciso ver o que está se vivendo em cada situação. E eu tive essa percepção já naquele tempo! Não tão clara assim, mas alguma coisa me dizia que, por exemplo, eu ser qualificado de traidor era muito fácil, entretanto, eu vivia uma situação em que eu tinha uma mãe realmente muito doente e um pai que estava cambaleando e não me sentia [seguro para fazer aliá] (...) [5]

Algumas pessoas, embora convencidas da necessidade de justiça social e de salvação do povo judeu através do estado judaico, sentiram a interferência do coletivo em suas vidas como um peso excessivo e incômodo. Inconformados com isso, certos *chaverim* chegaram a abandonar o Movimento.

O que eu não gostava muito era - já naquela época - daquela história de "o grupo manda", como "o partido manda"... tinha um pouco disso... eu me lembro na época da eleição [o grupo se reuniu para

decidir em quem votaríamos] (...) eu sempre fui um pouco contra esse tipo de atitude, acho que não poderia viver em nada assim tão estruturado. (...) aos 17, 18, acho que comecei a me afastar um pouco quando eu comecei a sentir que [havia imposições]... algumas pessoas me disseram: "- Decidimos que você vai passar a ser madrichá de um grupo de crianças...", e eu falei: "- Decidiram como? Sem falar comigo?" (eu era um pouco assim). Eu me lembro da frase: "O Movimento está em primeiro lugar.". Mas para mim não! Começou a haver uns pequenos problemas desse tipo... e quando [outros interesses foram tomando um espaço cada vez maior na minha vida, sai do Movimento] (...). [20]

Na prática, realmente, o coletivo mandava muito... as idéias eram discutidas no coletivo e depois você tinha que se adaptar àquilo que o coletivo dizia para você fazer. Era muito complicado (...) era fazer tudo junto e viver em função do grupo. (...) Não havia lugar para a realização pessoal, só às vezes, mas dentro dos quadros do Movimento (ser chamado para ser madrich ou fazer parte da Maskirut) (...), pois todo aquele negócio lá da Lapa tirou um monte de gente das escolas... [e definiu o encaminhamento para o socialismo em Israel] (...) Foram três dias discutindo a proposta... discutindo inclusive os caminhos de cada um (hoje em dia eu me pergunto: que direito tinha o coletivo de escolher dois ou três nomes para serem diferenciados dos outros? Na época eu não fiz esse questionamento e ninguém mais fez). (...) Minha idéia, no início, era aliá, mas eu sempre tive dificuldades com essa parte da socialização... era uma coisa muito difícil para mim, porque eu não conseguia dividir todos os meus pensamentos. Na parte ideológica, tudo bem: eu achava que tinha de ser uma pessoa socialista (...) Eu me afastei do Movimento por causa da manipulação muito grande, sentia-me manipulada por esses princípios "muito importantes", porque era um pessoal que radicalizava muito... (...) Quando eu sai, depois, eu cheguei [à conclusão de que lá se fazia uma lavagem cerebral e uma manipulação do indivíduo pelo coletivo] (...) [10]

Eu achava pobre aquela forma de juntar as pessoas, principalmente adolescentes, e expor algum desdobramento de minha atuação para ver o que o grupo acha. Para mim, o grupo não tinha que achar nada, mas, dentro daquele contexto, o grupo tinha que achar tudo, e a minha e a sua conduta deveriam ser condizentes com os valores do grupo. (...) Fiquei no Dror até os 16 anos de idade, mas sempre com uma postura crítica, desde o momento que eu consegui entender que, quando eu escolhia algo, eu sempre tinha de debater em cima da minha escolha. Onde estava minha liberdade? Por que eu tinha de sofrer a pressão de um grupo? Por que eles sabiam mais do que eu na construção do meu destino? Eram coisas que me incomodavam muito... [28]

Fazer valer suas idéias (a não ser em pontos pacíficos preestabelecidos) também dependia da capacidade de convencimento de cada um.

Nós desenvolvemos um senso agudo para as características humanas e uma capacidade afinada para o julgamento pessoal. (...) Foi no Movimento juvenil que eu aprendi a pensar propriamente, a me expressar, a comunicar convincentemente com os outros e, last but not least, a liderar. (...) [Eviatar Friesel. *The days and the seasons*. Detroit. Wayne State University Press, 1996.]

Ficava a cargo de cada um, dentro do ideal coletivista, criar também seus espaços de desenvolvimento pessoal. Em alguns casos, o coletivo era visto de forma ambivalente, como apoio e proteção (uma *fraternidade*) e como uma ameaça à individualidade, quando, por exemplo, invadia a "privacidade" da vida dos casais ou nivelava as necessidades dos seus militantes. Houve quem, só pela "amostra" de coletivismo tida no Dror, desistisse de viver no kibutz, imaginando que não conseguiria compartilhar o tempo todo bens, conquistas e intimidades.

Se para mim a vida comunitária apareceu como um sacrifício? Apareceu, porque eu iria ter que abrir mão de algumas coisas. (...) No Movimento juvenil, as coisas eram do Movimento juvenil. Mas quando eu comprei a minha primeira vitrola e comprei um baíta de um disco, *Aída* de Verdi, eu falei: "- Esse disco é meu" - então surge o primeiro conflito: você querer ter alguma coisa que é tua e [ter que dividir

tudo] (...) era um sacrifício... porque eu começava a conquistar alguma coisa com o meu esforço... [29]

Por outro lado, no Dror, viver coletivamente não era só questão de convicção, era também um aprendizado.

O coletivismo era sim um valor no Movimento (...)... era uma coisa muito forte e eu me lembro de achar muito legal. (...) na primeira machané a que eu fui, eu levei chocolate na mala; mais tarde eu fui ver e não tinha mais o chocolate... alguém passou, examinou todas as malas e levou os chocolates todos. Eu achei muito correto. Não fiquei nem um pouco zangada. (...) nunca me senti sufocada pelo grupo, de jeito nenhum, pelo contrário, era muito bom pertencer ao grupo. No grupo, era muito bom, eu me sentia muito segura. (...) era um espaço para a individualidade, apesar do coletivo. Além disso, lá se aprendeu solidariedade (...). [18]

Desde cedo, os *chaverim* eram treinados nesse sentido. Com o tempo, esperava-se que soubessem viver com cotas restritas e igualitárias.

Num grupo que dava tanto valor ao coletivo, era difícil a coexistência de vozes muito dissonantes e graves comportamentos desviantes. Como já foi dito, quem destoava muito saía; ou por não encontrar espaço e sentir-se marginalizado, ou por fazer algo tão sério que justificasse uma expulsão aos olhos do Movimento. Pequenas transgressões que iam de encontro ao ideal coletivista, como roubar doces nos acampamentos, praticadas pelos mais novos, eram reprimidas quase paternalmente pelos *madrichim* (com intuito educativo), e significavam, mais que um questionamento do ideal, um ligeiro desafio à autoridade e uma brincadeira inconseqüente.

### 3.8. Desvios de rumo

Ao longo de todo o trabalho, tratando de assuntos diversos, vamos também tendo uma idéia das diferentes trajetórias dos jovens no Dror; as motivações, as participações como educando e educador, as formas de militância e convivência, as carreiras no Movimento, as justificativas para permanecer ou abandonar o Dror.

A respeito destas últimas, podemos apenas tecer considerações e tirar conclusões limitadas. Explico: muitos depoimentos, especialmente de pessoas que viveram muito tempo ou ainda se encontram em Israel, insinuam que o abandono da utopia tenha tido motivações pessoais inconfessadas mascaradas por justificativas ideológicas ou familiares.

...cada um tinha que se justificar perante si e o grupo..., o [...] se justificou à maneira dele, o [...] também, porque chegava um momento em que cada um tinha que se decidir se fica ou vai e cada mente humana cria sua justificativa para não parecer covarde ao não ir... houve poucos que disseram "fico no Brasil porque aqui a vida me é mais fácil". [12]

Enquanto, no tempo do Movimento, costumava-se dizer que as debandadas eram um sinal de fraqueza ideológica (explicação ainda bancada por alguns), nos dias de hoje, com os estímulos à introspecção, também surgem (ou emergem) explicações de ordem psicológica. Não cabe aqui vasculhar tais motivações e sim, apenas confirmar a idéia de que as explicações dos atos passados também têm história.

A análise dos depoimentos mostra, com clareza, que o ato de deixar o Dror não tem relação direta com o grau de participação do indivíduo na hierarquia formal ou na liderança do Movimento; grandes líderes, altos dirigentes, "indivíduos-promessa" selecionados para o